

Confirma esta interpretação o culto que prestam ainda hoje à pedra polida os indígenas de Bornéu, Nova Caledónia e Austrália<sup>4</sup>.

MANUEL HELENO.

(Comunicação ao XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia pre-histórica).

## Antiguidades Alentejanas

### Sumario

- I. Castro de ao pé de Gáfete, chamado *Castelo Velho*. Outras antiguidades d'esses sitios.— *Conspecto cronologico geral*.— II. Estação romana próxima de Nisa: *villa* ou *vicus*.— Objectos aí achados: ara consagrada a uma divindade desconhecida; lucerna com a figura de Mercurio no anverso.— III. A Senhora da Graça em Nisa a Velha.— Poesia popular e lendas cristãs.— Nisa a Velha deve ter sido tambem um couto.— Romanização dos arrabaldes.— IV. Vila de Montalvão: sua igreja e castelo.— Mais uma estação romana (em Pero Galego).— Novos descobrimentos epigraphicos.— Arqueologia a ródos!

### I

As ferias pascaes deste ano acontece-me passá-las em Tolosa, por convite de meus queridos primos, o D.<sup>or</sup> Antonio Maria Gouvêa Biscaya Hortas, e familia. Conquanto eu já não devesse de falar ferias, foi habito em que fiquei dos tempos de estudante, e de quando me dediquei ao ensino,

Aproveitando, para investigações, no circulo dos meus estudos, esta temporada na provincia, como sempre faço quando saio de Lisboa, alguma coisa consegui já; como não posso referir-me a tudo, circunscrever-me-hei em dar conta de três excursões archeologicas, realizadas por estes sitios, mercê da complacencia de amigos, que estiveram de bom animo para m'as facilitar.

O presente enraiza-se no passado; e ha tantas coisas que vêm d'ele, que talvez não desagrade de todo a um ou outro leitor a convivencia em que, por momentos, o vou pôr com coisas antigas.

<sup>4</sup> Vid. Angel Cabrera, *ob. cit.*

*Castelo Velho!* Assim ouvi, uma vez, chamar a um sitio proximo de Gáfete. O toponimo despertou a minha curiosidade, por não me constar que lá houvesse, propriamente, algum castelo; e, de perguntas em perguntas, dirigidas a pessoas conhecedoras do local, vim a averiguar que se dava aquele nome a um môrro em que existiam vestigios de muralhas e de casas: o que tudo constituia uma *moradeia*, pois *moradeia* para o povo de aqui designa ruinas de habitações antigas, de tempos geralmente muito remotos: pelo menos, romanos e pre-romanos. Pouco mais ou menos, supponho, o que os Hespanhois chamam *despoblados*.

O S.<sup>or</sup> Antonio Gouvêa Botelho, de Gáfete, filho do hoje falecido S.<sup>or</sup> Barão de Gáfete, pôs á minha disposição um automovel, para eu dar um passeio até os arredores do Castelo Velho; ao alto não podia subir-se senão a pé.

Prestaram-se, amavelmente, a acompanhar-me seus filhos, os S.<sup>res</sup> Manuel Magessi Gouvêa e Mario Magessi Gouvêa, e eis-nos de abalada, no passado dia 31 de Março. Pouco tempo aproveitámos o automovel, porque o caminho, contra a nossa expectativa, começou a tornar-se ruim. Apeámo-nos, e assim, atravessámos primeiramente uma lavrada algo extensa, depois um não menor centeal, em seguida a ribeira do Val do Castelo, para cuja passagem foi preciso lançar pedregulhos, em que nos firmassemos, e, além d'isso não sei quantas *barrocas*, ou regos para onde, das searas, se escoam as aguas pluviais. Valeu-me, em tão penoso e prolongado transito, o braço dos meus companheiros, ora o de um, ora o de outro, para me apoiar.

Quando se entregam ao prelo umas linhas, raro avaliam os leitores, que os lêem comodamente sentados numa poltrona, quanto trabalho isso, ás vezes, custou. O que se lê em segundos, pôde ser resultado de horas de fadiga.

Emfim, lá seguimos até a vista do môrro, isto é, do *Castelo*. Tinhamos diante de nós, como eu já supunha, não torres ameadas, de onde poeticas donzelas nos acenassem com alvos lenços (já se entende, aos meus jovens companheiros!), não varandins e sêteiras, não pontes-levadiças, que logo se alçassem, como por arte mágica, mas uma rude *sáfara*, ou melhor, um *safarêdo*, aglomeração de rochedos graniticos, surgentes da superficie do terreno, através dos quais mal se romperia. Não há, porém, mal que sempre ature: e veio em nosso auxilio um pastor, de *pelico* e *safões*, chapeu desabado, grossos sapatos, *surrão* ao tiracolo, *cajadinha* na mão, o qual nos guiou até o alto, por suave *verêda*, aberta em meio das *gêsterias*

floridas, que envolviam e alindavam os penhascos. A vegetação do Alentejo é, no geral, tão monotona (montados, olivais, searas, charnecas: tudo em grande extensão!), e a provincia é tão pouco povoada, que a quem vai pelo campo quasi parece que percorre um deserto. Encontrarmos, pois, na solidão que nos rodeava alguém disposto a guiar-nos pelo emmaranhado do mato e através da penedia, ficou sendo, para todos três, bom motivo de contentamento, ao menos para mim, já que os meus companheiros eram eximios caçadores, habituados a asperas caminhadas.

Confirmavam-se, de facto, quanto ao *Castelo*, as noticias que eu colhêra. Parte do môrro, a pouca distancia da campina adjacente, estava circundada de muita pedra sôlta, que, na linguagem pitoresca do pegureiro, formava um *cordão*: restos evidentes de antiga muralha de um *oppidum* lusitanico, ou *castro*, como dizemos em arqueologia. As pedras tinham diferentes tamanhos, 68 centímetros, e mais, de comprido; por vezes, entrava na composição da muralha a propria penha nativa, não deslocada, nem deslocavel, como se observa nas provincias do Norte e da Beira, onde, com frequencia, se vêem edificações encostadas a monstruosos penedos de granito, que ficam constituindo lanços de parede d'elas.

Dentro do espaço circundado pela muralha depararam-se-nos no alto, numa esplanada, varios montões de pedra sôlta e pequena, que representavam, sem dúvida, casas derruidas. O pastor informou-nos de que por todo o terreno, quando se cavava, aparecia muita caqueirada de potes grossos e de outras vasilhas, e bem assim pedaços de tijolos. Apanhámos do chão, em verdade, amostras ceramicas: algumas tanto podiam ser romanas, como pre-romanas; todavia descobrimos um fragmento de telha curva ou *imbrex*, que, visto o seu caracter de arcaismo — côr desbotada, espessura, pasta grosseira e arenosa — e alem d'isso as condições do descobrimento, só podia ser romano, porque foram os Romanos que introduziram na Lusitania o uso da telha.

Estavam, portanto, documentadas duas epocas ali, naquele recanto do Alentejo: uma anterior aos Romanos, isto é, dos Lusitanos, expressa no tipo da povoação; outra mais recente, já romana, indicada por um pedacito de telha. Tão grande conclusão deduzida de tão pequeno residuo! Um humilde caqueiro, que não chegava a ser telha, e andava aos pontapés, de penedo em penedo, quasi sumido entre a relva, e que a apurada vista de um dos meus companheiros aí descortinou, anunciava, só por si, que a

civilização do povo-rei havia chegado ás imediações de Gáfete, ao Castelo Velho!

Realmente, a maioria dos nossos castros foi romanizada. O Castelo Velho é mais um exemplo. E como consequencia da conquista, não faltam, nas vizinhanças dos castros, tanto no Alentejo, como noutras regiões, sinais de «villas» ou de povoações romanas. «Villa» quer dizer, no nosso caso, «quinta».

A 1 quilometro, pouco mais ou menos, do Castelo Velho, no sitio da Horta do Pascoal, descobriu-se, por exemplo, ha anos um cemiterio antigo, no qual servia de parede a uma das sepulturas uma lápida romana, que o S.<sup>or</sup> Antonio Gouvêa Botelho, a quem já me referi, me ofereceu, com generosa espontaneidade, para o Museu Etnologico de Belem, e onde já se guarda na secção competente. A lápida, que conserva restos de uma inscrição funeraria, havia pertencido a outro cemiterio, e foi aproveitada neste, servindo portanto de duplo documento historico. Seguidamente aos Romanos vieram para a Lusitania os Visigodos, e do tempo d'elles appareceu, ha pouco, em Gáfete, por acaso, um fecho metalico de cinturão militar.

Voltemos ainda ao Castelo Velho. Em regra os Lusitanos, nossos antepassados, escolhiam, para vivenda, montes que se erguessem perto de rios ou ribeiros, os quais lhes ministravam agua para usos domesticos e peixe para alimentação, quando não serviam, tambem, de limites, e de defesa. Pelo que toca ao nosso, direi que a uns 200 metros afastado d'ele corre o Sôr, que recebe as aguas do ribeiro do Castelo, mencionado acima. O Sôr, pela sua maior importancia, é que era propriamente o rio do Castelo: não que pudesse servir de defesa aos castrejos, em casos de ataque, mas por algumas das outras razões.

Lembrarei, como complemento d'esta desalinhavada noticia, que nos campos do Castelo Velho e de Gáfete existiram muitos dolmens ou antas, e ainda restam amostras, monumentos estes, de character sepulcral, que correspondem a civilizações ainda mais antigas que as que se revelam na ultima fase, ou lusitano-romana, do nosso castro; e aparecem a par, constantemente, instrumentos de pedra polida, de que tenho levado muitos para o Museu Etnologico.

Em suma: antiguidades pre-historicas, ou periodo neolitico e calcolitico (antas e instrumentos de pedra polida); antiguidades proto-historicas, principalmente da segunda idade do ferro (Castelo Velho); antiguidades romanas (ceramica do Castelo e lápida da Horta do Pascoal); antiguidades visigoticas (cinturão).

Já isto não é pouco para a historia de Gáfete, a qual poderíamos acompanhar pela epoca dos Arabes (se é exacta a explicação que do nome da terra eu dei) até muito para cá.

\*

Não quero deixar de acrescentar que o Castelo Velho está situado numa propriedade pertencente ao S.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> Mario Miranda Monteiro, illustre e conhecido advogado lisbonense, o qual já nas ultimas ferias natalicias, em que tambem vim a Tolosa, me obsequiou com a dadiva de um chapão de lousa amuletiforme, e varios machados de pedra—tudo apparecido numa anta da sua herdade do Maxial, aqui vizinha. Feliz de quem tem a faculdade de pisar assim, a cada passo, terreno seu, de tamanha antiguidade!

Tolosa, 2 de Abril de 1931.

## II

Quem por seus proprios olhos, ou por informações, procura antigualhas no Alentejo, chega a conhecer tantas, que se convence de que a provincia, em tempos remotos, principalmente romanos e prè-romanos, foi não menos povoado que ao presente.

O que falta é quem as procure, e tambem quem o faça com intuito scientifico, e não comercial. Infelizmente, as antigualhas, que apparecem, nem sempre consistem em objectos inteiros, ou em objectos artisticos; muitas vezes, não passam de artefactos mutilados ou rudes. O mesmo acontece noutras provincias. Mais uma razão, pois, para que se salve em museus publicos tudo aquilo que o acaso nos depare.

Para que um objecto seja valioso, não se torna indispensavel que seja belo. Que ha mais grosseiro que um instrumento de pedra lascada, proveniente do paleolitico inferior? E, contudo, ainda ha uns vinte anos, podiam contar-se os que se conheciam em Portugal: cada um que se encontrava de novo constituia uma preciosidade! Quando as duas qualidades, de que falei agora, coincidem, então já se entende que o archeologo exultará de veras!

O S.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> José Basso, de Nisa, onde exerce com brilho a advocacia, communicou-me em Março, por intermedio do seu amigo o S.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup> Colares Pereira, de Lisboa, o achado de umas ruinas proximo de Nisa, mandando-me espécimes ceramicos para eu examinar, bem como cópia de uma inscrição, e convidando-me para uma futura visita.

Proporcionou-se-me agora ocasião de lá ir, por eu estar em Tolosa. E, no dia 1 de Abril, ele teve a bondade de vir buscar-me no seu automovel: e eu não só vi a pedra que tinha a inscrição, mas as ruínas.

A inscrição está gravada numa ara de granito, com seu fôculo ou pátera na parte superior, ara que tem estas dimensões: 0<sup>m</sup>,54 de altura, 0<sup>m</sup>,26 de largura e igual numero de espessura maxima. O texto diz:

P · C A R M I N I  
V S · M A C E R  
E X · V O T O

A pedra apresenta uma quebradura no extremo da 1.<sup>a</sup> linha, onde falta a silaba NI. Restituindo-a, leremos: «Publio Carminio Magro (dedicou este monumento), em cumprimento de um voto que fizera». Na inscrição não se indicou o nome da divindade a quem a ara foi dedicada. O dedicante julgou isso escusado, porque se entende que a ara seria colocada em um santuario conhecido dos vizinhos ou da familia. A regra geral, contudo, era exprimir em cada *donarium*, ou donativo a uma divindade, o nome d'esta.

Passemos ás ruínas. Ficam na antiga herdade da nobre familia de Linhares, que a aforou em varios lotes—herdade situada entre a vila de Nisa e o lugar de Povoá & Meadas.

Um dos lotes chama-se Tapada do Paianes (=Pai'Anes), e pertence ao S.<sup>or</sup> Olivier Pimentel, sogro do D.<sup>or</sup> José Basso: terreno de montado (azinho e sôbro), muito bom para trigo, e onde serpeia um regato. Ao lavar-se a terra, descobriram aí os arados, este ano, alicerces antigos de casas, e caqueirada de vária especie, a cujo conjunto deram os trabalhadores o nome de «mouraria», que é sinonimo de «moradeia», de que falei do capitulo I.

O mesmo nome de «mouraria», ou, com pronuncia dialectal «môraria», o ouvi depois igualmente em Montalvão.

Assim que a noticia do descobrimento chegou aos ouvidos do D.<sup>or</sup> Basso, ele mandou fazer pesquisas cautelosas, com intuito de averiguar qual a extensão que occuparia a «mouraria», e qual o caracter d'esta: e, com tanta sorte, que descobriu o seguinte: a ara a que ha pouco me referi; o anverso de uma *lucerna* (candeia), de barro, no qual se vê a figura de Mercurio; muitos *lateres* (tijolos), fragmentos de *dolios* (potes); uma asa de anfora; dois fustes de columna, graniticos; pedaços de *opus Signinum* (formigão), e de *imbrices* (telha curva).

Quanto ao caracter das ruinas, não havia duvida que elas eram romanas. A sua extensão é que era muito grande para que pudesse ser explorada de repente; talvez ocupem uma área não inferior a quatro hectares.

Só depois de excavações mais demoradas se conseguirá saber se as ruinas de Paianes são de um *vicus* (povoação, lugarejo) ou de uma *villa* (quinta). O achado da ara mais faz crer que esta pertencia a um templo, do que a um simples oratorio doméstico; todavia, não esqueçamos que assim como hoje ha *montes*, ou casas de herdade, muito grandes, assim na antiguidade acontecia já o mesmo. Até julgo, para mim, que o protótipo do *monte* alentejano o havemos de buscar, em parte, na *villa rustica romana*.

Convém acrescentar que a rocha (granito) de que foi feita a ara e os dois fustes de columna não é d'ali; veio de, pelo menos, cêrca de meio kilometro, porque o terreno da herdade é xistento. O povo da localidade chama *pedra lousinha*<sup>1</sup> ao xisto.

Se prosseguissem as excavações, não se descobriria, de certo, nenhuma *Pompetos*, nenhuma *villa Hadriani*; mas descobrir-se-hiam, acaso, miudezas archeologicas de valor, semelhantes ás mencionadas ara e lucerna. Na Italia não ha antigualha mais vulgar que uma lucerna; comprei lá, por exemplo, em 1912, por uma ou duas liras, uma inteira, que tenho em cima de uma das minhas mesas de trabalho, como lembrança da viagem; tambem, em Paris, comprei uma vez, para o Museu Etnologico, uma lucerna grega por cinco francos (ainda que discutindo algo com o antiquario...), e muitas romanas por deminuto preço (não me lembra agora qual); aparecer, porém, em Portugal inteira uma lucerna não é vulgar, e, por certo, as pagaria o Museu Etnologico por preço um pouco superior ao das de que falei, se um ferro-velho lá apparecesse com uma completa e autentica, provinda de chão portuguezes.

Além de me haver acompanhado ao campo das ruinas, o D.<sup>or</sup> Basso, conscio de que é preferivel engrandecer um museu central, já existente, a formar localmente museus minusculos, que não gozariam de longa vida, teve a amabilidade de me oferecer, para o Museu Etnologico, a ara e o fragmento de lucerna, o que já participei ao Director efectivo do mesmo, o D.<sup>or</sup> Manuel Heleno, visto que eu não sou hoje senão director honorario. E ainda levou mais

---

<sup>1</sup> Nesta expressão a palavra *lousinha* é adjectivo, e não deminutivo de *lousa* (como ao repente poderia parecer); cf. ponte *pedrinha*, fonte *pedrinha*, lagar *pedrinho*.

longe a generosidade, porque me prometeu duas outras lápidas aparecidas nos arredores de Montalvão, e me facilitou um passeio a Nisa-a-Velha, que eu muito desejava ver, e de que me occuparei noutro capitulo, assim como das pedras de Montalvão.

O D.<sup>or</sup> José Basso é filho do S.<sup>or</sup> Julio Basso, hoje falecido, que foi Notario em Nisa, e que, em coisas juridicas, tinha opinião tão segura, que todos a acatavam, como na comarca, por vezes, ouvi; este mesmo S.<sup>or</sup> escreveu um vez um artigo acêrca de *dolmens*, que lhe publiquei em *O Archeologo Português*, num dos primeiros volumes. O instinto da Archeologia vinha, pois, ao D.<sup>or</sup> José Basso já do pai; e ainda bem, pois o empregou em beneficio da sua terra, para a historia antiga da qual contribuiu com uma página curiosa, e em beneficio do Museu Etnologico, onde Nisa fica, de ora ávante, bem representada, quanto á epoca lusitano-romana.

Na excursão de que falei, e nas de que falarei depois, acompanhou-nos o D.<sup>or</sup> Joaquim Loução, delegado do procurador da Republica em Torres Novas, e vizinho e amigo do D.<sup>or</sup> Basso. O D.<sup>or</sup> Loução alia ao conhecimento dos codigos o gosto de estudos filologicos. A sua companhia foi, pois, tambem, para mim, por este lado, muito agradável.

Tolosa, 8 de Abril de 1931.

### III

A uns 3 ou 4 quilometros de Nisa, ao Nordeste, ergue-se um outeiro ou *cabeço*, com uma esplanada em cima, em parte povoado de sobreiros e oliveiras, banhado ao fundo pela ribeira de Nisa, que o costeia do Nascente ao Norte, e enriquecido de vasto horizonte de serras, vales e povoações. Na esplanada fica uma capela consagrada à Senhora da Graça, onde na 2.<sup>a</sup> feira de Páscoa se faz, a expensas da camara municipal, concorrida romaria, com a qual se relacionam cantigas, como as seguintes, que a mulher do sacristão me recitou:

Fui à Senhora da Graça  
Com viola e pandeiro:  
Achei a porta fechada,  
Pus-m'a bailar no terreiro.

Nossa Senhora da Graça,  
Minha mãe, minha madrinha,  
Hei-de-le varrer a casa  
C'um ramo de prata fina.

Nossa Senhora da Graça,  
Que lá está num cabecinho!  
Antes que<sup>1</sup> não corra vento,  
Sempre lá corre um ventinho...

<sup>1</sup> Significa «ainda que». Expressão muito vulgar.



cantigas que, *mutatis mutandis*, tenho ouvido também applicadas a santuarios de outras provincias.

Ao meio da encosta há 2.<sup>a</sup> capela, da invocação da Senhora dos Prazeres, com seu arco ogival à entrada. No chão, de tijolo, d'esta capela vê-se estampada à esquerda a mão de um individuo, e à direita uma cavidade, como de ali se ter fincado um joelho: diz a lenda que mão e joelho eram de um ratoneiro que em tempos quis roubar a caixa das esmolas da Senhora, e ficou preso, mas que arrependendo-se, ajoelhou em seguida com um joelho no chão a orar.

O outeiro em que se edificou a 1.<sup>a</sup> capela recebeu na tradição popular o nome de *os Castelos*, ou *Castelinhos, da Senhora da Graça*, e consta que ao cimo das escadas que conduzem até o santuario está soterrado um pedaço de muro, de que ignoro a data.

Pelas baixas apparecem muitos cacos antigos, de potes e de outras vasilhas; mostraram-me uns poucos de tijolos romanos (*lateres*), da mesma procedencia, e falaram-me de mós pequenas, de granito, redondas, que não eram outra coisa senão *molae manuariae* (moinhos de mão); vi além d'isso um fuste de coluna, de igual pedra, e tive conhecimento de outro; e obtive um machado de ferro de 0<sup>m</sup>,19 de comprimento, algo oxidado, que pode ser romano (*securis*): levo-o para o Museu Etnologico, depois de o haver pincelado com grude de carpinteiro, para o conservar melhor.

No sitio da *tapada da Ladeira*, contiguo à base do cabeça da Senhora da Graça, porém no sopé de outro, chamou o sacristão a minha atenção para ruinas de casas, que lá estão, constantes de pedras soltas: e acrescentou que tudo aquilo de que tenho falado correspondia a Nisa-a-Velha: aqui, disse ele, a povoação; no alto o *castelo*.

Da antiguidade das casas nada posso dizer; no que concerne ao cabeça, não occultarei que ele se me afigura um castro romanizado. O povo diz muitas vezes *castelos* por *castelo*, falando dos medievais, por causa da pluralidade de torres: e quasi sempre um nome d'esses, dado a um outeiro onde não há propriamente nenhum castelo, quer dizer «castro». O sacristão, meu *cicerone*, ao descrever-me o cabeça, até falou de «aterros e barreiras», que são habituais em castros pre-romanos.

O D.<sup>or</sup> Mota e Moura, autor da apreciavel *Memoria Historica de Niza*, Lisboa 1877, t. I, pp. 22-28, não é claro no destrinçar a velha Nisa da moderna, supondo que os documentos medievais, que cita, se referem a Nisa-a-Velha, o que dos textos não se deduz.

Segundo ele, Nisa-a-Velha foi destruída em 1281 por D. Afonso Sanchez, filho de D. Denis, rei que logo em seguida fundou Nisa-a-Nova. O ultimo facto não o nego; para se asseverar o primeiro faltam contudo provas. Motta e Moura diz que Nisa-a-Velha possuía um castelo muito alto, reedificado e fortalecido pelos Templários; a antiguidade da povoação «perde-se na escuridão dos tempos, e não póde exactamente saber-se quando e por quem foi edificada», pp. 23-24. Para afirmar que o castelo jazia no alto do cabeço da Senhora da Graça fundou-se evidentemente apenas na tradição popular, porque não existem no sitio, sequer, resquícios de fortificações medievais—pelo menos a descoberto.

\*

No alto dos castros construíram-se muitas vezes, como aqui, capelas maiores ou menores, que substituem antigos santuarios pagãos. A romaria é outro documento de vetustez. Para melhor basear a opinião, que emiti, de ter sido o outeiro da Senhora da Graça um castro, conviria fazer excavações propositadas e extensas. Raciocinei por analogia com o que conheço dos castros portugueses: o nome de *castelo*, *Castelos* e *Castelinhos*, tão sugestivo; a situação (cabeço com um curso de agua nas faldas); o santuario cristão e a romaria; os vestígios romanos dos arredores...

Tolosa, 10 de Abril de 1931.

#### IV

Com o meu prezado amigo e colega D.<sup>or</sup> Joaquim de Proença, médico muito querido em Tolosa, pela sua capacidade clinica e afabilidade de maneiras, o qual, por vezes, quando cá venho, faz o obsequio de me acompanhar em excursões archeologico-etnograficas, sempre que lh'o permitem as obrigações profissionais, parti para Montalvão em 3 do corrente, para ver as inscrições que o D.<sup>or</sup> Basso tinha descoberto e me prometera para o Museu Etnologico. Foi comnosco o S.<sup>or</sup> Carlos Gonçalvez, estudante de Medicina no Porto, que estava gozando as férias em Tolosa, sua patria. Ao passarmos em Nisa, agregou-se-nos o D.<sup>or</sup> Joaquim Lanção, de quem já falei.

Em Montalvão aguardava-nos o D.<sup>or</sup> Basso, com seu sógro o S.<sup>or</sup> Olivier Pimentel, a quem já tambem me referi no cap. II, e varios amigos e vizinhos: os S.<sup>rs</sup> Silvestre Possidoneo Cas-

tanheira, proprietario, Tomás Fraústo, professor de ensino official, D.<sup>or</sup> Remexido, médico. O S.<sup>or</sup> Fraústo era já meu conhecido, de outras excursões, e a ele fiquei devendo agora a oferta de um caderninho de canções tradicionais, que colhêra para mim.

Montalvão ocupa alto e escarpado cabeça, de *pedra lousinha*, como cá dizem, ou xisto; levanta-se a uns 4 quilometros do rio Sevér<sup>1</sup>, que lá em baixo fórma linha de fronteira.

Depois de darmos uma vista de olhos á igreja matriz, de 3 naves, e portas ogivais, e ao castelo, cujo recinto muralhado hoje transformaram em cemiterio paroquial, e depois de feita por mim uma visita à livraria do S.<sup>or</sup> Silvestre Castanheira, que como distinta lembrança, af me obsequiou com a oferta de um livro greco-português, que muito estimei: eis-nos a caminho da herdade de Pero Galego, frèguesia de Montalvão, concelho de Nisa, onde apareceram as lapides no sitio da Fonte da Feia, numa vinha.

Uma das lapides estava metida de través na parede d'um casebre da herdade: tinha forma de ara, como a que já descrevi no cap. II, e gravara-se nela uma inscrição de 5 linhas. Por estar a pedra em posição pouco propria para se ler o letreiro, não podia decifrar-se de repente, mas após breve exame vi que o texto era o que copio aqui ao lado (o L está ligado com o V: formam nexos), isto é:

CELTIVS  
T O N G I  
F · IOVI R  
E P V S O  
A L V · S ·

Celtius, Tongi (=Tongii) f(ilius), Iovi repulso(ri) a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit), ou em português: «Celtio, filho de Tongio, cumpriu de boa mente a promessa que fizera a Juppiter Repulsor». *Repulsor* é epiteto do deus: «o que repele (o mal)», e corresponde ao latim *averruncus* e ao grego *apotrópaios*. O nome *Tongius* é de origem indigena, e aparece noutras inscrições da Lusitania, supondo-se ser de origem celtica, relacionado com a ideia de «juramento». Cf. *Celtius* nesta mesma inscrição. O dedicante era pois um Lusitano romanizado. Altura maxima da lapide 0<sup>m</sup>,64; largura do frontão 0<sup>m</sup>,25; do corpo ou fuste 0<sup>m</sup>,21.

<sup>1</sup> Pronuncia-se *Sevér*, com *é* aberto. Assim ouvi tambem, ha anos, na estação ferroviaria de Marvão.

A outra lapide estava na adega da casa da herdade; fórma tambem uma ara votiva, de 0<sup>m</sup>,61 de altura. Depois de ir para o Museu, estuda-la-hei como puder. Na herdade, em rapida visita, não tive descanso para isso.

Ambas as aras são de granito, vindo de longe, porque a região é xistenta.

\*

Poucos dias posteriores ao meu regresso a Tolosa, o D.<sup>o</sup> Basso teve a bondade de me fazer uma visita, e trouxe-me a boa nova do aparecimento de mais uma ara nesta última herdade, que igualmente me ofereceu. Ao todo, por tanto, irão para Belem quatro aras, que muito enriquecerão a secção epigrafico-lapidar do Museu.

O referido S.<sup>o</sup>, que, como se vê, é advogado de boas causas, e se tornou benemerito da Arqueologia nacional e do Museu Etnologico, deu-me mais as informações que vou resumir:

1) *Castelos de Cima* e *Castelos de Baixo*: são dois cabeços pertencentes à frèguesia de Montalvão, e erguidos à distancia de 1 quilometro, um do outro, sobre a ribeira de S. João, afluente do rio Sevér. Como infiro dos nomes, são castros. Ficam fronteiros à Hespanha, onde ha «castelos» analogos, tambem sobre o Sevér: não que em epocas tão remotas a região que hoje se chama *Hespanha* fosse nação diferente da que se chama *Portugal*, mas porque a Peninsula estava dividida em tribus, e os castros serviam de defesa a estas, às vezes batalhantes umas contra as outras.

Em ambos os *Castelos* de cá appareceu muita caqueirada antiga; nos *Castelos de Baixo* appareceram a par alguns denarios da Republica, e contas de vidro azuis (creio que como as que aos montes se encontraram em Condeixa: ainda este ano, por ocasião do Congresso internacional, de que fui presidente, colhi lá umas dezenas), e em tanta quantidade, que os rapazes chegaram a enfia-las em cordeis, e a pô-las ao pescoço, em guisa de colar. Infelizmente não pude adquirir nenhuma.

2) *Fajã*, isto é, a *Fajã*: nome de um *couto* (terreno não tapado, menor que herdade, e sem casa de habitação, destinado a mato e a cultivar-se em *folhas*, isto é, de 4 em 4 anos) na mesma frèguesia de Montalvão, em sitio plano. Conta a lenda que está encantada nele uma Moura, e que na noite de S. João se ouvem lá *sinos de oiro*. Tradições de origem pagã mui vulgares em castros. Mais diz o povo que houve ali uma «cidade» antiga: *campos ubi Troia fuit*...

Na Fajã aparece grande quantidade de cantaria lavrada. O D.<sup>o</sup> Basso encontrou dezenas de pedaços de mós manuais, e montões de *pedra lousinha*, talvez resultante de casas. O terreno é xistento, mas as mós e muitas pedras são de granito, que só podia ter vindo de uma distancia superior a 17 kilometros. Ha ali a par alicerces de casas, tambem de *pedra lousinha*.

Convém notar que no proprio recinto encontrou o D.<sup>o</sup> Basso duas sepulturas abertas em *pedra lousinha*, e a 200 ou 300 metros de distancia muitas outras. Acaso sepulturas de Visigodos, que foram sucessores dos Romanos.

A palavra *fajã* não existe hoje por estes sitios, nem, que eu saiba, noutras provincias do Continente, como da lingua comum; existia porém em tempos passados, como se vê do topónimo moderno: e de cá foi no sec. xv levada para as Ilhas Adjacentes, onde goza de muita vida. Tambem me consta que existe em Cabo Verde, não posso contudo agora dizer se na lingua comum, se sómente na toponimia.

O dialecto dos Açores ainda apresenta caracteres foneticos iguais a alguns do Alto Alentejo e do distrito de Castelo Branco.

\*

Já depois de concluidas as minhas excursões por Gáfete, arredores de Nisa, e de Montalvão, estive de fugida no concelho de Alter-do-Chão, onde ouvi falar de outras ruinas aparecidas no campo, e de um sitio alto, denominado *Castelinho*, não longe da Cunheira.

O solo do Alentejo é não sómente vastissimo no que toca a riqueza de produções naturais, senão que tambem oculta no seu seio inumeros restos archeologicos.

Tolosa, 11 de Abril de 1931.

J. L. DE V.

---

.. o grande archivo da terra contém ainda muitos e muitos documentos desconhecidos, que talvez um dia virão lançar luz sobre muitas e graves questões que hoje subsistem irresolvidas.